

Daniel Beltran

SINARQUIVO
e o novo sindicalismo brasileiro.



Visto como símbolo de luta pelos arquivistas e importante arma de defesa da sua profissão, em Assembléia realizada nas dependências do III Congresso Nacional de Arquivologia, em outubro de 2008 a classe arquivística ali reunida aprovou a criação do Sindicato Nacional dos Arquivistas, o SINARQUIVO.

Como não poderia ser diferente à tradição, os Congressos Nacionais de Arquivologia, que ocorrem a cada dois anos, tornaram-se um fórum pró-ativo de avanços da classe arquivística. O primeiro congresso foi o marco histórico de sinergia entre as associações regionais de Arquivologia e a retomada dos congressos como fórum das discussões arquivísticas no cenário nacional. O segundo marcado pela criação da ENARA – Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia onde começa as discussões sobre o papel de cada entidade representativa, como deveriam atuar e também como melhorar a missão de defender a classe arquivística. E por fim após alguns anos como pauta nas listas de discussão e e-groups na internet se materializa no terceiro congresso realizado no Rio de Janeiro o SINARQUIVO.

A frente desta entidade está o Arquivista Daniel Beltran. Graduado em arquivologia pela UNIRIO em 2000 e aluno da Fundação Getúlio Vargas do curso de MBA Executivo de Gestão e Liderança, Daniel sempre se destacou em trabalhos com entidades representativas da categoria, fundou em 2004 a AAERJ – Associação dos Arquivistas do estado do Rio de Janeiro onde atuou como presidente até 2008 e atua como atual vice-presidente. Entre 2006 e 2008 foi o Coordenador da Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia. Atualmente é membro do Conarq – Conselho Nacional de Arquivos, ocupando a suplência da representação de Associações Arquivísticas Brasileiras. Sem se afastar das bases e paralelo a esses trabalhos Daniel desde sua formação trabalha como Arquivista, foi consultor da AMA-Gestão Documental e atuou como assessor especial do Gabinete do Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, prestando assessoria de informação nos anos de 2005 e 2006. Nesse mesmo ano colaborou no desenvolvimento do Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos da Administração Pública do Estado do Espírito Santo. Funcionário da Eletrobrás - Centrais Elétricas Brasileiras desde 2003, atua como chefe da Divisão de Documentação e Biblioteca da Eletrobrás desde 2009.

Em sua rápida passagem por Brasília Documento em Revista o entrevistou sobre essa nova entidade.

Documento em Revista (DR) - Em que pé está a criação do SINARQUIVO e sua legalização como entidade representativa da categoria?

Daniel Beltran (DB) - Em 23 de outubro de 2008, durante o III Congresso Nacional de Arquivologia, realizamos a Assembléia Geral de Fundação do Sinarquivo, com presença de mais de 200 arquivistas, onde foi aprovado o estatuto do SINARQUIVO e eleita a primeira diretoria. Como foi uma assembléia de intensos debates, não tivemos tempo de eleger o Conselho Fiscal. Em 12 de dezembro do mesmo ano, realizamos então uma Assembléia Geral Extraordinária (AGE) com este objetivo. O próximo passo foi encaminhar a Ata da Assembléia de Fundação, o Estatuto e a Ata da AGE para registro no Cartório de Registro Civil de Pessoa Jurídica (RCPJ). Após tramitação, pedidos de ajustes, rídica (RCPJ). Após tramitação, pedidos de ajustes, dentre outros obstáculos burocráticos, no dia 22 de junho deste ano, a documentação foi aceita com sucesso pelo RCPJ. Neste momento, um profissional de contabilidade está providenciando o registro do SINARQUIVO junto a Receita Federal para a obtenção do CNPJ da entidade. Quando obtivermos isto (a previsão é julho), iniciaremos a busca pelo registro sindical junto ao Ministério do Trabalho, com o qual a entidade passa a usufruir das prerrogativas sindicais, como estabelecimento de piso, homologação de rescisões de contrato de trabalho, recebimento de imposto sindical etc.

DR - Até a criação do SINARQUIVO as únicas entidades classistas que representam a categoria dos Arquivistas são as associações. O que difere o Sindicato Nacional dos Arquivistas dessas entidades?

DB - São justamente estas prerrogativas previstas na Consolidação das Leis do trabalho (CLT), que permitem ao sindicato se posicionar de maneira oficial na defesa do profissional arquivista. Outra característica é que teremos pela primeira vez no Brasil uma entidade de classe nacional que está aderente à legislação que regulamenta a profissão. Até então a única entidade associativa que era formada unicamente por arquivistas, no conceito presente na Lei 6546/78, que regulamenta nossa profissão, era a AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro. O Sindicato também nos aponta a possibilidade de profissionalização do associativismo arquivístico brasileiro. Com uma entidade com prerrogati-

vas e recolhimentos melhor estruturados, é possível pensar em trabalhar com empregados no sindicato, e não apenas com membros voluntários da diretoria. É possível imaginar a médio prazo, administradores, contadores e advogados trabalhando em prol do SINARQUIVO, o que tornaria sua atuação muito mais efetiva.

DR - Se levarmos em conta que tudo começou em 1931, com o decreto-lei 19.770 baixado por Getúlio Vargas numa estrutura que já dura mais de 70 anos onde criou-se toda uma cultura no sindicalismo brasileiro. Qual seria hoje o papel do sindicado como entidade classista da categoria arquivistas?

DB - Sem dúvida alguma o papel principal do SINARQUIVO será reconstruir a imagem do arquivista na sociedade. O maior desafio do SINARQUIVO é estabelecer na sociedade a função social do arquivista, o que este profissional representa e qual o seu perfil. Estamos cansados de sermos confundidos com profissionais de nível médio e até de nível fundamental. Estamos cansados de sermos vistos como uma profissão auxiliar. O SINARQUIVO tem a missão de levar a todo o país esta imagem do arquivista moderno que aos poucos começa a surgir no centro-sul do país.

DR - Há consenso na parte sadia e dinâmica do sindicalismo brasileiro de que a atual estrutura sindical contém virtudes, mas também muitos vícios e distorções, e que mudanças urgentes são necessárias. O que o Sinarquivo trás de novo na sua estrutura?

DB - No meu ponto de vista o grande vício comum aos sindicatos está na relação promíscua que a grande maioria estabelece com partidos políticos. É preciso entender que parte importante do espectro político nacional se desenvolveu em cima do trabalhismo e conseqüentemente sempre tiveram nos sindicatos ferreamentas de mobilização e debate político. Apesar de considerar isto importante, não se pode perder de vista que a preocupação principal dos sindicatos são os sindicalizados. É uma via de mão dupla. Não se pode tratar os sindicalizados como gado e negociá-los como produto frente aos partidos políticos. Há que se ter postura política, mas não ne-



cessariamente partidária. O "partido" do sindicato tem que ser o próprio sindicato, ou seja, suas bandeiras não podem incorporar bandeiras partidárias, mas bandeiras que interessem e sejam cunhadas pelos próprios sindicalizados, pela classe.

Nós que temos experiência em movimento associativo sabemos das dificuldades de se gerenciar uma associação de maneira voluntária. As pessoas têm suas atividades profissionais, acadêmicas e pessoais, e na verdade acaba sobrando pouco tempo de dedicação à entidade. Sendo assim, pensamos, quando da concepção do SINARQUIVO, em termos uma diretoria mais ampla possível, que pudesse agregar lideranças de todo o país. Porém a CLT limita a diretoria a 7 membros. Quanto à Estrutura do SINARQUIVO, especificamente, criamos então o Secretariado Técnico. São 9 funções, com titular e adjunto, que podem participar voluntariamente, lideranças e arquivistas guerreiros de todo o país. Por exemplo, temos as funções de Secretário de Defesa Profissional, Secretário de Relações Parlamentares, Secretário de Assuntos Acadêmicos, etc.

DR - Ele está ligado a alguma central sindical?

DB - Ainda não. Este processo se dará naturalmente durante o processo de registro sindical, quando necessitaremos de articulação e parcerias com centrais sindicais.

DR - O que a grande maioria dos sindicalizados espera de um sindicato forte é a sua capacidade de dar respostas à ofensiva do capital contra direitos dos trabalhadores. Como o SINARQUIVO poderia estar atuando nessa eterna luta de classes em defesa dos arquivistas?

DB - Conforme dito anteriormente, este processo passa pela profissionalização da defesa do arquivista. Apesar de muitos avanços é preciso reconhecer que ainda somos amadores. Esta profissionalização só existirá sustentada por

dois pilares: prerrogativas para a defesa profissional e recursos financeiros. Acredito que enquanto sindicato estaremos próximos de alcançar estes dois pilares.

DR - Atualmente os arquivistas são filiados a sindicatos ligados as empresas que estão trabalhando, a exemplo dos funcionários públicos, e não a um sindicato exclusivo de arquivistas, como será trabalhada essa questão de filiação a um sindicato nacional único?

DB - Esta situação atual é natural e ocorre justamente pela inexistência até então do SINARQUIVO. Com ajuda do Secretariado Técnico, a diretoria atuará fortemente a partir do último trimestre do ano, na busca e contato com estes profissionais. Planejamos realizar campanhas para atrair este profissional, para que já em 2010 tenhamos um sindicato forte, representativo e em condições de atuar na definição de pisos, dissídios coletivos etc. Temos observado como atuam alguns sindicatos de classes similares às dos arquivistas e tem muita experiência boa e bem sucedida para nos espelharmos.

DR - Quanto a Representatividade do sindicato, hoje o sindicalismo não possui qualquer garantia legal de representação no local de trabalho, como será essa repre-

sentatividade, como serão tirados os delegados sindicais? os membros serão liberados para atuarem no sindicato?

DB - Penso que esta etapa será quando tivermos um sindicato mais maduro, talvez a partir da segunda gestão. É preciso compreender os desafios de se construir um sindicato nacional numa classe que nunca teve qualquer sindicato e não tem esta cultura. É possível sim termos membros liberados parcial ou totalmente para atuação no sindicato, mas acredito que isto vai depender muito das relações que estabeleceremos com outros sindicatos, parcerias, aproximação com federações, aproximação com as centrais sindicais. Particularmente espero contribuir na criação desta cultura sindical, através da promoção de treinamentos, cursos, mas tenho a convicção de que é um processo que carece de amadurecimento e que será muito melhor desenvolvido nas próximas gestões.



DR - Como o Sinarquivo poderá atuar na melhoria da formação dos profissionais junto às entidades de nível superior do país e ainda na questão da formação dos técnicos que não existe nada regulamentado até hoje?

DB - O SINARQUIVO é o sindicato nacional dos Arquivistas e Técnicos de Arquivo. Portanto é fundamental a busca de uma solução para a formação técnica na arquivística brasileira. A atual legislação estabelece carga horária de 1110 horas para a formação deste Técnico. Acredito que esta carga horária esteja inadequada à atual realidade do mercado. Se conseguirmos rever esta lógica e reduzir esta carga horária, daremos condições ao mercado de voltar a formar Técnicos de Arquivo. Tendo Arquivistas e Técnicos no mercado, acredito que passe a ficar mais claro à sociedade que o Arquivista é profissional de nível superior.

Quanto à formação nas universidades, há muito o que melhorar e o SINARQUIVO terá como uma de suas missões interagir com universidades e associações profissionais na busca não só da melhora do currículo, mas também na criação de mecanismos para tornar a atualização curricular um processo mais dinâmico que possa acompanhar a evolução do mercado. É preciso também tornar a Universidade mais empreendedora, estimular a formação de empresas em incubadoras. Fico imaginando que um

trabalho de conclusão de curso poderia ser, por exemplo, a elaboração de um projeto arquivístico de negócio, aplicável

ao mercado, a

alguma instituição, algo que é muito comum por exemplo nos MBA's.



DR - Só através da luta será possível garantir avanços na organização sindical dos trabalhadores; somente a pressão social, que preserve a autonomia diante do Estado pode garantir sindicatos fortes. Quais as expectativas para sua gestão diante dessa nova empreitada?

DB - Minha expectativa é consolidar este novo modelo. Consolidar esta nova ferramenta na cultura dos arquivistas e técnicos de arquivo do país. Quero contribuir no despertar do senso de exercício de cidadania, através de um olhar de classe trabalhadora. Quero contribuir na construção deste espírito de corpo profissional, na identificação de sentimento de pertencimento, no orgulho e na auto-estima do arquivista. Uma classe com conquistas, avanços, vitórias e que possa provocar orgulho em cada um de nós arquivistas. Quero que mais colegas de profissão tenham, como eu tenho hoje, orgulho de ser arquivista.

